

CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO DOS CURSOS TÉCNICOS E TECNÓLOGOS DO IF SUDESTE MG – CAMPUS SÃO JOÃO DEL-REI

Rafaela Kelsen Dias
UFJF/IF Sudeste-MG
rafakelsen@gmail.com

De acordo com estudo publicado em edição de 2015 do periódico Science, da Universidade de Princeton, as mulheres ainda têm uma participação incipiente, se comparada a dos homens, em áreas nas quais se acredita ser necessária uma inteligência superior ou uma propensão inata, como as chamadas “ciências duras”, as ciências naturais e mesmo os campos das ciências humanas classificados como mais complexos pelo senso comum, como a Filosofia. Diante dessa realidade, a pesquisa em estágio inicial aqui apresentada tem por objetivo expor o estatuto de divisão sexual que caracteriza o alunado, o currículo e as práticas escolares da rede de educação profissional e tecnológica no Brasil. Mais especificamente, pretende-se identificar através dos processos de seleção e formação dos alunos dos cursos técnicos e tecnólogos do IF SUDESTE MG – Campus São João del-Rei, a permanência, no âmbito da educação profissional, de “vieses androcêntricos” (CITELI, 2000 P. 42) e sexistas (SANTOS, 2001) veiculados desde a emergência da ciência moderna. Pautando-nos, portanto, no princípio de que a divisão internacional do trabalho também define-se pela segregação dos gêneros e pela imposição de hierarquias entre as atividades executadas por homens e mulheres (HIRATA & KERGOAT, 2007), buscar-se-á identificar a imposição desses imperativos misóginos em nosso contexto de investigação por meio de três etapas metodológicas. Primeiramente, procederemos à investigação dos percentuais de matrícula efetuadas por sexo desde 2010, ano de fundação do campus. A seguir, aplicar-se-á questionário e entrevista semi-estruturada entre alunos e professores a fim de se diagnosticar as perspectivas vigentes em torno de temas como: a) a propensão, a possibilidade e a competência feminina para atuar no campo das ciências e da tecnologia; b) as crenças e os obstáculos de ordem curricular e didático-pedagógica que dificultam a progressão das mulheres nessa área do saber c) as estratégias empregadas especialmente por docentes e discentes mulheres para que, no cotidiano escolar, concebam-se fundamentos de uma ciência e técnica feminina ou até mesmo feminista



(KELLER, 1983). Dessa forma, partindo da premissa de que “a relação com o saber é relação de um sujeito com o mundo” (CHARLOT, 2000, p. 78), pretende-se, ao final desta pesquisa, identificar alguns dos esforços empreendidos por estudantes mulheres a partir (e contra) o saber a elas ofertado, a fim de efetivar seu projeto de inclusão no universo da ciência e da tecnologia.

CITELI, M. Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, n.15, p. 39-75, 2000.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HIRATA, Helena & KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cad. Pesqui., Dez 2007, vol.37, no.132, p.595-609. I

KELLER, Evelyn Fox. A Feeling for the Organism: The Life and Work of Barbara McClintock (San Francisco: Freeman, 1983), 198. Keller, Reflections, 158-179.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2002.